

A MÚSICA COMO POSSIBILIDADE DE RESISTÊNCIA TRANSMASCULINA¹

Klaus Macena Fontenelle²
Kyara Maria de Almeida Vieira³

RESUMO

Nick Cruz nasceu no Espírito Santo no ano de 2000. Seu interesse por música despertou ainda na infância a partir de cantores como: Ivete Sangalo e Tim Maia. Ele relata perceber a ausência de homens trans na música. Acreditando que uma maior representatividade no cenário musical poderia ter evitado processos dolorosos em sua trajetória enquanto homem trans, Nick decidiu ocupar esse lugar e utilizar a música como meio de partilha do seu conhecimento e inspiração para pessoas de dentro e de fora da comunidade. Assim, o trabalho propõe uma discussão da construção histórica e social do corpo transmasculino a partir da análise da música “Sol no peito” (2019) de Nick Cruz, e entrevistas referentes à construção de sua obra. O referencial metodológico será composto por Napolitano (2001) e sua compreensão da música enquanto documento, para o qual a música consiste em um ponto de fusão entre valores culturais, estéticos e ideológicos. Já o referencial teórico será composto por Nedel (2020) e Ribeiro et al. (2023) com suas discussões sobre a historicidade da população transgênero e as possibilidades existenciais e performáticas da transmasculinidade. A partir das costuras feitas entre a música e as construções teóricas referenciadas, foi possível perceber a leitura social e histórica do corpo transmasculino. Portanto, a música também pode ser pensada e movimentada enquanto aliada para o enfrentamento dos preconceitos e do processo de invisibilização dos corpos dissidentes.

Palavras-chave: Transmasculinidade, Corpo, Música.

1 Esse texto foi escrito a quatro mãos. Mas, em alguns momentos usamos o pronome em primeira pessoa do singular por se referirem às vivências específicas do primeiro autor do texto.

2 Mestrando do Programa Interdisciplinar em Cognição, Tecnologia e Instituições da Universidade Federal Rural do Semi-Árido - UFERSA, klausmfontenelle@gmail.com;

3 Professora orientadora: Doutora em História pela Universidade Federal de Pernambuco-UFPE, kyara.almeida@ufersa.edu.br;

INTRODUÇÃO

Aos meus 17 anos iniciei os meus questionamentos sobre o gênero que me atribuíram ao nascer de maneira mais direta. Nesse momento também entrei no curso de Psicologia e o primeiro artigo que escrevi foi sobre o processo transsexualizador no Sistema Único de Saúde – SUS, ao perceber que a Psicologia ocupa um lugar fundamental nesse processo de “atestar” a transgeneridade de um sujeito e legitimar direito e poder nas suas afirmações e angústias. Posteriormente, já reivindicando a minha identidade enquanto homens trans, participei do IV Seminário Internacional Desfazendo Gênero (2019) e nele me foi questionado a pouca participação de homens trans no cenário do evento e da militância em geral. Esse momento é um marco fundamental na minha trajetória acadêmica, pois naquele dia não tinha resposta para isso, mas me comprometi a buscá-la.

Nos últimos anos as “minorias” vem conquistando cada vez mais espaços e saindo da marginalização que a sociedade sexista, colonial e capitalista impõe historicamente para corpos que ela julga não serem dignos de direitos básicos como o existir e a própria vida. A inexistência de dados oficiais do Governo Brasileiro sobre determinados corpos escancara tal realidade, proporcionando um apagamento desses sujeitos para a sociedade. Diversos são os corpos que permeiam a marginalidade como as mulheres, pessoas pretas, povos originários e pessoas com deficiência - PCD. Inúmeras são as violências que cada corpo está suscetível. Quando diferentes aspectos são vivenciados pelo mesmo corpo, as violências tomam proporções alarmantes, isso se constitui em um processo de interseccionalidade, esta que é aqui entendida como a combinação de fatores potenciais de violência, ou seja, corpos que podem sofrer dupla ou tripla discriminação (Collins; Bilge, 2021).

Para sobreviver a esse contexto de constantes opressões, a arte é uma das ferramentas encontradas pelos sujeitos para resistir e existir. De acordo com Foucault (2023), a arte pode ser utilizada como uma forma de resistência contra os dispositivos de poder em ação. Napolitano (2001) compreende a música enquanto documento que se apresenta como um ponto de fusão entre valores culturais, estéticos e ideológicos. Em alguns momentos da história brasileira ela se apresentou como aliança social e política entre diversas classes sociais em torno de um ideal de nação, como a Música Popular Brasileira - MPB. Sendo assim, no presente artigo tomamos como ponto de partida a música de Nick Cruz para analisar aspectos da transmasculinidade a partir de um viés metodológico da análise narrativa visando apresentar uma costura entre a experiência da transmasculinidade de Nick. Nesse percurso iremos nos mover entre as entrevistas (Splash, 2020) e

a letra da música “Sol no Peito” (2019) de sua autoria, a minha vivência enquanto outro corpo transgressor compartilhando proximidades e divergências com a narrativa apresentada na música.

METODOLOGIA

Para ser possível realizar uma discussão da construção histórica e social de um corpo transmasculino a partir da análise da música “Sol no peito” (Nick Cruz 2019), seguimos a Análise Narrativa. Segundo Biar; Orton; Bastos (2021) o que pesquisadores e pesquisadoras fazem utilizando o método de Análise de Narrativa é produzir pesquisas que “dão zoom”, para tomar como objeto, os momentos em que narramos nossas vidas.

Para Napolitano (2001) a música é mais do que um veículo para boas ideias, uma canção também nos ajuda a pensar a sociedade e a história. A estrutura socioeconômica do final do século XIX e início do século XX, produzida pelo capitalismo junto ao movimento colonizador no Brasil reflete no cenário musical nacional. Essa estrutura fez com que o interesse por determinados tipos de música, intimamente ligada à vida e ao lazer urbanos aumentasse. Por isso vemos que o mercado de música popular é bem mais enraizado do que o da música erudita.

As complexas relações entre a música e a sociedade merecem estudos a parte, mas como “Os estudos a partir do tema da subcultura têm sido um dos mais fecundos para a abordagem da música popular, ligando a escolha e o gosto musical a complexos socioculturais e sociopolíticos mais amplos” (Napolitano, 2001, p. 20), utilizamos nesse presente trabalho a música como reflexo de convenções socioculturais.

Portanto, a partir do princípio da triangulação (Flick; Costa; Caregnato, 2008; González, 2020) a pesquisa é construída a partir de três visões: a dos autores, com sua experiência de vida e construção coletiva conduzida com a orientadora; a de Nick Cruz, a partir de sua música e entrevistas; e a de autores de referência teórico-metodológica. Costurando assim a análise narrativa da música “Sol no peito” e a ocupação de corpos transmasculinos em espaços de ampla penetração sociológica e cultural (Napolitano, 2001).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nick Cruz nasceu no Espírito Santo no ano de 2000. Seu interesse por música despertou ainda na infância a partir de cantores como: Ivete Sangalo e Tim Maia. Em entrevista dada ao Splash UOL (2020), ele relatou perceber a ausência de

homens trans na música. Acreditando que uma maior representatividade no cenário musical poderia ter evitado processos dolorosos em sua trajetória enquanto homem trans, Nick decidiu ocupar esse lugar e utilizar a música como meio de partilha do seu conhecimento e inspiração para pessoas de dentro e de fora da comunidade. Para

Napolitano: “A esfera da música popular urbana no Brasil tem uma história longa, constituindo uma das mais vigorosas tradições da cultura brasileira. E isso não é pouca coisa num país acusado de não ter memória sobre si mesmo (Napolitano, 2001, p. 27).

Quando eu comecei a questionar a minha identidade enquanto mulher foi doloroso por não conseguir nomear o que vinha acontecendo comigo: eu senti desconfortos ao olhar meu corpo, escolhi roupas mais folgadas e escuras durante toda a minha adolescência. Apenas anos depois fui entendendo que usava essas roupas não por gostar mais delas do que de outras, mas porque elas escondiam a silhueta de um corpo que eu não gostaria que as pessoas vissem, principalmente pela marcação dos seios nas roupas mais justas e claras. Se eu tivesse tido a oportunidade de me identificar com um outro corpo transmasculino, e não ter tido o corpo masculino cisgênero como modelo, durante a minha vida e a minha transição, talvez eu não tivesse tanto incômodo com alguns aspectos, ou talvez o processo de identificar e nomear tais incômodos não tivesse demorado tanto. Na passagem a seguir Nick Cruz representa olhar da sociedade pode ser sentido em sua música:

“Esses olhares me consomem
Não me veem como homem
Onde será que o nosso mundo se perdeu?”
(Sol No Peito, 2021)

Nesse trecho da música é possível perceber como o olhar da cisgeneridade é invasivo, esta que foi nomeada pela comunidade trans em meados dos anos 1990 (Nedel, 2020). A construção dessa categoria de análise nos possibilita nomear um grupo de pessoas que costuma nomear outros corpos, oferecendo uma mudança paradigmática onde as pessoas trans deixam de ser definidas em relação à naturalização cisgênera. É possível perceber algumas consequências dessa naturalização cis nas experiências transgressoras:

“E eu já tô cansado de ter que tomar cuidado com tudo que falo
E faço e do jeito que tem que ser
Coisas tão difíceis pra mim, normais pra você
Me diz como pode seu ódio ser muito mais forte?”

Cadê o amor que cê prega no Instagram em todos seus posts?”
(Sol No Peito, 2021)

“Que minha mãe não me ligue, preocupada com a minha vida
Oi filho, você tá vivo? Me conta como foi seu dia
Oi filho, você tá vivo? Me conta como foi seu dia”
“Só quero mudar de nome
Só quero paz e respeito
Só quero viver na sombra depois de tomar Sol no peito”
(Sol No Peito, 2021)

Nas passagens acima Nick Cruz apresenta o cansaço diante de questões que são específicas para pessoas trans. Recordo-me de tantas situações e me disseram que era pela “escolha” que eu fiz, como: o desejo de caber em roupas das sessões masculinas das lojas, não tirar a blusa pela mostra dos meus seios, a necessidade de mudar meu nome e retificar os meus documentos para que a identidade com a qual me identifico. Tais experiências foram descritas, muitas vezes, como falta de respeito e uma maneira de me colocar em risco em determinados lugares.

Responsabilizar o sujeito pelas violências e possíveis violências que uma sociedade (nesse caso, a capitalista ocidental contemporânea) impõe a ele é mais uma dessas violências. Paul Preciado chamou de primeira fragmentação do corpo o momento que a sociedade determina o sexo de uma pessoa. Quando profissional da medicina, em sua autoridade, denomina o bebê enquanto menino ou menina, o que ocorre, nesse momento, é uma prescrição de toda a sua vida. Os órgãos sexuais não são apenas órgãos reprodutores, passaram a ser também “órgãos produtores da coerência do corpo humano” (Nedel, 2020)(Preciado *et al.*, 2022).

Isto posto, existem diversas barreiras que devem ser quebradas em diversos momentos e espaços da vida de pessoas trans para que possamos vivenciar/ pertencer a qualquer espaço que tenha sido construído a partir da cisheteronorma. A narrativa de se sentir vitorioso por ser o primeiro em espaços que ocupa parece apenas muito bonita, mas esconde uma solidão e um cenário de muitas batalhas:

“Só sei que todo mundo quer no final estar junto
E eu não preciso chegar em primeiro
Que a vida passa num segundo enquanto eu
Só quero mudar de nome
Só quero paz e respeito
Só quero viver na sombra depois de tomar Sol no peito”
(Sol No Peito, 2021)

“Ei, precisamos rever esse rancor
Porque é só com a felicidade que se cura a dor
Talvez agora você possa ver que o que eu quero é”
(Sol No Peito, 2021)

Nick narra nessa passagem coisas que para ele eram importantes no início de sua transição, desejos e sonhos que dizem muito de um lugar em que a própria sociedade coloca os corpos trans, a pressão para almejar a cisnorma. Contudo não é possível generalizar as vivências de pessoas transmasculinas em uma única história, por exemplo: Eu sou um homem trans branco bissexual de 23 anos, nascido em Fortaleza, no Ceará, com 8 anos fui morar no interior de São Paulo onde fiquei por 2 anos: foi lá que descobri o que era ser nordestino, pois é só quando passamos pela nomeação do outro que nos percebemos enquanto diferentes. Aos 10 me mudei para o interior potiguar, retornando ao meu Nordeste com muita felicidade.

Na minha transição recebi grande suporte da minha família e pude fazer minha transição dentro de casa (período pandêmico da COVID-19). Mas, isso me fez perceber fortemente os impactos de uma sociedade colonial, normativa e cotidianamente violenta, pois mesmo com toda a boa intenção e amor das pessoas que estavam ao meu redor, sempre me deparo com situações desconfortáveis e violentas.

Como eu não tinha contato com a identidade transmasculina no meu dia a dia, o mais próximo que eu tinha era o entendimento da androginia na moda. Achava bonito os modelos que não tinham os gêneros inteligíveis e só podíamos apreciar a arte dos seus corpos junto às roupas. Esse foi o pontapé da minha busca por referências e nela encontrei Sam Porto, que é o primeiro homem trans brasileiro a desfilarem no São Paulo Fashion Week, no ano de 2019. Em uma campanha publicitária que vi como propaganda do *Youtube* no ano de 2018, conheci Demétrio Campos e Paulo Vaz - Popo Vaz. A pouca representatividade de pessoas transmasculinas nos espaços e a necessidade imposta socialmente de se proteger através da passabilidade faz com que cresça em nós um sentimento de estarmos sozinhos enfrentando esse processo, Demétrio e Popo foram dois exemplos que não aguentaram as pressões sociais vieram a falecer por suicídio. Em um trecho retirado das redes sociais de Nick publicado pela página Popline (Rocha, 2021) sobre ele encontra-se também a sua dificuldade em encontrar representatividade:

A música sempre foi minha companheira... Quando decidi ter minha própria independência, ela foi ganhando outro sentido para mim. O processo de amadurecimento foi muito duro, principalmente por ser homem trans, pobre e tão novo. A falta de representatividade, o descaso público no acolhimento, o preconceito das pessoas contra

nossa liberdade... Tudo isso me afeta. Faço questão de fazer minha parte nessa luta. Vou lançar o single mais importante da minha carreira (Rocha, 2021)

A música é apresentada por Nick Cruz como canal para a sua parcela na luta pela liberdade e contra o preconceito a ele direcionado por ser um homem trans. Porém, vale destacar que a experiência transmasculina é plural e particular de cada sujeito que vivencia, não existindo um caminho correto ou único para viver sua identidade e construir um corpo transmutado, muito menos um corpo que seja capaz de representar essa pluralidade. Ribeiro, Tavares e Caetano (2023) trazem que a masculinidade ocidental dar-se através de uma construção histórica e social arbitrária, além de apontarem ser necessário problematizar as representações transmasculinas para que deixemos de buscar obedecer a ordem colonial capitalista financeira e neoliberal. Popo e Demétrio tinham em seu corpo códigos que a cisgeneridade colonial não suporta em corpos trans: Demétrio foi um homem trans preto e periférico; e Popo um homem trans publicamente gay. Enquanto a nossa transição caminhar pela narrativa imposta pela cis-heteronormatividade e a colonialidade, nossos corpos continuarão sendo taxados como intrusos e sem direitos à existência.

Nick faz um trabalho muito importante ao construir a canção Sol no Peito, mas essa aconteceu no início de sua transição, portanto nela conseguimos encontrar muitos reflexos da pressão social imposta pela sociedade para a transição de gênero. Que para alguns pode refletir um sonho e para outros pode ser uma imposição para aceitação e legitimidade, como a mudança de nome ou processos cirúrgicos. Para realizar-se no seu trabalho como músico Nick Cruz reveza suas atividades cotidianas, show e seu trabalho como pedreiro, que compartilha diariamente em suas redes sociais. Nick Cruz concorreu à categoria PRESTATENÇÃO do MTV MIAW Brasil 2021 (Torres, 2021). Mesmo assim, ele reconhece que não deve fazer esse processo sozinho e deseja abrir portas para que outras pessoas possam, também, ocupar esse lugar.

CONCLUSÕES

A minha escrita parte do entrecruzamento da “mulher recatada e do lar” que cuida de todos os outros, para o homem que precisa ter cuidado para não ser opressor, mas que é violentado repetidamente por não ser cisgênero. Minha escrita vem desse sofrimento não nomeado, não escrito e não encontrado do deslocamento social que a transição na sociedade brasileira nos impõe, por entender

a transgeneridade como um fenômeno de rompimento e destruição do pilar colonial da binaridade de gênero.

Entendemos que seja impossível falar sobre as violências dos corpos de minorias de direitos no Brasil sem entender que a primeira aniquilação que tivemos foi em 1500 e, depois disso, normalizamos e naturalizamos o extermínio de quem/ do que acreditamos não ser adequado para o país que gosta de ser bem vista pelo exterior e não cuidando do seu próprio povo. Toda essa história está marcada em nosso corpo e nos corpos que apresentam marcas da resistência dessas categorias que deveriam ter sido eliminadas.

Exponhemos tudo isso acima para evidenciar que mesmo encontrando muitos pontos próximos da minha vivência e de conhecidos meus na música de Nick Cruz, ela não diz sobre um todo, para isso é necessário que outras pessoas possam ocupar o cenário musical e artístico, como também todos os espaços. As obras musicais são um produto de normas sociais, dessa forma não podem ser considerados como efeitos naturais e intrínsecos à própria obra, “devendo levar em consideração as convenções socialmente enraizadas que tendem a informar apropriações distintas dos diversos grupos sociais que formam a audiência musical em sociedades complexas” (Napolitano, 2001, p. 22). Diante desse cenário foi possível perceber a música *Sol no peito* (2019) como ferramenta aliada aos sujeitos para existir e resistir contra os dispositivos de poder hegemônicos e como o começo de um movimento que almeja e necessita ser ampliado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIAR, Liana de Andrade; ORTON, Naomi; BASTOS, Liliana Cabral. A pesquisa brasileira em análise de narrativa em tempos de “pós-verdade”. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 21, p. 231–251, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ld/a/q9Dd3hzKnMCTTQfxRGsZ9Dd/?lang=pt>. Acesso em: 21 nov. 2023.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. [S. l.]: Boitempo Editorial, 2021.

FLICK, Uwe; COSTA, Joice Elias; CAREGNATO, Sônia Elisa. **Introdução à Pesquisa Qualitativa**. 3ª edição. Penso, 2008.

GONZÁLEZ, Fredy Enrique. Reflexões sobre alguns conceitos da pesquisa qualitativa. **Revista Pesquisa Qualitativa**, [s. l.], v. 8, n. 17, p. 155–183, 2020. Disponível em: <https://editora.sepq.org.br/rpq/article/view/322>. Acesso em: 8 nov. 2023.

NAPOLITANO, Marcos. **História & musica: história cultural de la música popular.** 3a ed. revisada. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. (História &... reflexões, v. 2).

NEDEL, Juno. O corpo como arquivo: tensionando questões sobre história e memória trans. 2020.

PRECIADO, Paul B. *et al.* **Manifesto contrassexual: Práticas subversivas de identidade sexual.** 1ª edição. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2022.

RIBEIRO, Igor Veloso; TAVARES, Luciane; CAETANO, Marcio. Transmasculinidade, raça e classe - a cilada das redes sociais digitais. [s. l.], 2023.

ROCHA, Leonardo. Exclusivo: Nick Cruz mostra toda sua verdade em “Sol no Peito”. *In*: POPLINE. 26 maio 2021. Disponível em: <https://portalpopline.com.br/exclusivo-nick-cruz-mostra-toda-sua-verdade-em-sol-no-peito/>. Acesso em: 15 nov. 2023.

SOL NO PEITO. Intérprete: Nick Cruz. [S. l.: s. n.], 28 maio 2021. (3:13). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1Lg-XL9xYkA>. Acesso em: 20 nov. 2023.

SPLASH. **Homem trans, Nick Cruz quer deixar o pop brasileiro ainda mais diverso.** [S. l.], 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/noticias/2021/01/29/homem-trans-nick-cruz-quer-deixar-o-pop-brasileiro-ainda-mais-diverso.htm>. Acesso em: 1 set. 2023.

TORRES, Leonardo. Nick Cruz pode se tornar 1º homem trans do mundo a ganhar prêmio da MTV. *In*: POPLINE. 25 ago. 2021. Disponível em: <https://portalpopline.com.br/nick-cruz-homem-trans-premio-mtv/>. Acesso em: 14 nov. 2023.